

## A CARTA DE CAMINHA: DOCUMENTO HISTÓRICO OU LITERÁRIO?<sup>1</sup>

### *THE LETTER OF CAMINHA: LITERARY OR HISTORICAL DOCUMENT?*

Evandro Rosa de Araújo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de entender até que ponto a Carta de Caminha, enviada ao Rei D. Manuel informando o achamento do Brasil, está no campo da História ou da Literatura. Sabe-se que a carta, como instrumento de comunicação, serve de fonte de inspiração tanto para Literatura como para a História, mas o que se propõe aqui é entender o nível de abstração da Carta de Caminha que a coloca no campo da Literatura. Seria ela documento puramente factual, irrevogável, contendo somente fatos verídicos? Ou teria ela elementos que nos levam a duvidar de sua linguagem absolutamente informativa, o que a colocaria mais no campo da Literatura do que no da História? Dessa forma, a finalidade deste artigo é justamente apontar esses elementos, e, para isso, se fundamenta em bases estritamente bibliográficas e documentais. Espera-se que este trabalho sirva para a problematização e o entendimento da Carta de Caminha, documento tão importante para a identidade do povo brasileiro.

**PALAVRAS- CHAVE:** Carta de Caminha. História. Literatura.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to understand the way on Caminha's letter sent to D. Manuel, king of Portugal informing the finding of Brazil is in the Field of history or literature. It is known, the letter as communication instrument fit as inspiration source for literature and history. But the objective here, is to understand the abstraction level of Caminha's letter that puts it in the field of literature. Would it be a factual document, only irrevocable truthful facts? Or would it has its elements that take us disbelieve of its informative language and what would it be more in the literature or history field? In that way, the purpose of this article is to point these elements. For that, the text is based in documental and bibliographical bases. It is hoped this work fits as problematization and understanding of this document for Brazilian people identity.

**KEYWORDS:** Caminha's letter, History, Literature.

A Carta de Pero Vaz de Caminha tem sido objeto de sucessivas leituras e interpretações. O texto foi redigido no ano de 1500, encontrado em 1773, mas divulgado somente em 1817. Na verdade, o texto é formado por sete folhas, cada uma delas com quatro pági-

---

<sup>1</sup> Artigo orientado pela professora Dra. Maria Luíza Ferreira Laboissière de Carvalho, para a disciplina Literatura, história e memória, do Mestrado de Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2009/1).

<sup>2</sup> Aluno do curso de mestrado em Literatura e Crítica Literária da PUC Goiás. Contato: [evandrorj\\_9@hotmail.com](mailto:evandrorj_9@hotmail.com). Recebido: 15/02/2011. Aceito: 30/03/2011.

nas, somando um total de 27 páginas de texto e uma de endereço, com medida de 296 x 299 mm. Embora o manuscrito tenha ficado empoeirado e arquivado por muitos anos, ainda se encontra em bom estado de conservação e foi bem recebido pelo público que se interessava por narrativas. Castro (2008, p. 11) afirma que se trata “de um original bastante claro depois de sucessivas leituras diplomáticas [...]”

É bom ressaltarmos ainda que Caminha teve um cuidado todo especial ao elaborar o texto, narrando de forma clara e organizada a aventura vivida pela esquadra de Cabral. Castro (2008, p. 11) ainda lembra que “a estrutura compositiva é extremamente clara. A carta começa com o típico processo epistolar; depois dos primeiros parágrafos, tal convenção se transforma num diário atípico”. Esse texto hoje é considerado uma obra muito importante para a historiografia brasileira, pois é por meio dele que temos condições de entender como se deu o primeiro contato entre índios e portugueses, além, é claro, de deixar transparecer um pouco dos interesses imperialistas ligados àquela aventura no novo continente.

Dessa forma, sabendo da importância da Carta de Caminha para o entendimento das raízes brasileiras e, da mesma forma, para a arte, é que se vê essa narrativa como sendo o primeiro texto ficcional da literatura brasileira, o que justifica a elaboração deste artigo. Para uma melhor organização, o texto foi dividido em três partes: na primeira foi feita uma reflexão sobre Literatura e História; na segunda, um estudo sobre a importância da Carta de Pero Vaz de Caminha para a literatura brasileira; e na terceira parte foi feita uma análise de fragmentos da narrativa da carta, buscando traços que a aproximam do universo ficcional e documental.

## **1. Reflexões sobre Literatura e História**

A primeira coisa que vem à mente quando falamos de história é o compromisso que esta tem de registrar os acontecimentos para a posterioridade. Uma das funções da História é, sem dúvida, documentar, e, ao longo do tempo, tem se desenvolvido e conquistado seu espaço entre as ciências.

Então, entende-se como documento histórico todo material coletado em um determinado período e que venha auxiliar o historiador em sua análise. São muitos os tipos de documentos históricos, que englobam desde aqueles produzidos por governos ou entidades (públicas e privadas) até mesmo imagens, objetos, utensílios, textos, pinturas, esculturas, canções etc. Ou seja, qualquer registro se configura como histórico se responder aos ques-

tionamentos criados pelo historiador num determinado tempo e espaço. Partindo desse princípio, podemos dizer que o resultado das relações humanas pode se tornar objeto de pesquisa de um historiador.

Esse conceito não foi sempre assim. Em algum lugar do passado, a História era uma ciência que se preocupava somente com o discurso da classe dominante, ou seja, uma história que se preocupava somente em narrar a partir do ponto de vista da minoria privilegiada ou agraciada pelo poder. Burke (1992, p. 40) nos confirma isso da seguinte forma: “Tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes.”

Por isso, o que se percebe, até a Idade Média, é uma história narrada sob o ângulo dos imperadores, reis e senhores e quase nunca pelas periferias do discurso. Sabe-se que era negada aos historiadores qualquer expressão emotiva ou que colocasse em dúvida a verdade imparcial dos fatos.

Aos poucos, a História foi ganhando novos discursos e, nesse contexto de mudanças, aparecem distintos pensadores, como Foucault, Bakhtin, Derrida, White, Frye, LaCapra e muitos outros. Assim, mesmo sabendo que é difícil romper com essa tradição secular, essa ciência tem tentado mudar a forma de tratar o fato histórico, iniciando uma aproximação com outras áreas do conhecimento.

Áreas que no passado eram distintas, como a História e a Literatura – a primeira com o compromisso supremo com a “verdade”, e a segunda voltada para o fantástico, para o belo e sem compromisso com a absoluta verdade dos fatos –, agora têm se aproximado, em busca de um melhor entendimento das ações humanas ao longo do tempo e do espaço. Na atualidade é possível entender História por meio da Literatura e Literatura por meio da História.

Entendido o campo da história, pergunta-se agora: qual é o campo da Literatura? Esta aparece, desde a Antiguidade, como um instrumento necessário para provocar o estranhamento. Já foi interpretada de inúmeras formas. Na visão de Moisés (2005, p. 44),

A Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens: dotada duma séria “missão”, colabora para o desvendamento daquilo que o homem, conscientemente ou não, persegue durante toda a existência. E, portanto, se a vida de cada um corresponde a um esforço persistente de conhecimento, superação e libertação, à Literatura cabe um lugar de relevo, enquanto ficção expressa por palavras de sentido múltívoco.

Então, se a Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens, como enfoca Moisés, podemos dizer que existe muito de História, como ciência, nessa área. Dessa forma, não seria estranho se tentássemos entender a Carta de Pero Vaz de Caminha, que durante muito tempo foi considerada um documento tipicamente histórico, sob a ótica literária. Será que existem mesmo elementos nessa narrativa que a configuram como obra literária? Quais seriam esses elementos? Será que tudo que é narrado na carta é produto factual ou faz parte da mente fantasiosa de Caminha?

Na verdade são inúmeros os questionamentos sobre essa narrativa. Por isso, o próximo tópico tentará mostrar a importância da Carta de Caminha para a literatura brasileira, assim como mostrar quais os elementos que a coloca no âmbito da literatura e da história.

## **2. A importância da Carta de Caminha para a Literatura brasileira**

Sabe-se que as obras do período colonial, além de não terem sido produzidas por brasileiros, também são poucas, e apresentadas, em sua maioria, na forma de cartas, diários de navegação, tratados e diálogos. São trabalhos que pertencem aos cânones brasileiro e português, e, claro, escritos importantíssimos para uma melhor compreensão de como se formou a Literatura brasileira. A Carta de Caminha, por exemplo, representa a certidão de nascimento da História brasileira, assim como da Literatura. Por meio desse documento, é possível, nos dias de hoje, saber um pouco sobre como se deu o primeiro contato entre nativos e europeus.

Por meio da carta é possível fazer uma análise do discurso imperialista implícito nessa viagem de reconhecimento das novas terras. Assim é possível usar essa narrativa no ensino de Literatura, História, Sociologia etc. O texto, ao mesmo tempo em que é histórico-documental, se abstrai e atinge o status de Literatura, pois o narrador nos mostra somente aquilo que lhe convém. Segundo Kothe (1997, p. 222), “a carta não deve ser lida apenas no que ela manifestamente diz, mas no que ela silencia, no que deixa fora ou não explicita”. Por isso, esse texto precisa ser divulgado para que se tenha um reconhecimento de como os interesses da classe dominante foram mais fortes durante o período de colonização.

É por meio dessa narrativa que se percebe o aniquilamento da cultura indígena. A carta traz impregnados em seu discurso os interesses imperialistas, pois nada que os nativos dissessem seria ouvido, a menos que isso favorecesse a exploração das terras. Talvez seja isso o que Bhabha (1998, p. 61) quis dizer, quando afirma que nas palavras “do senhor

missionário ouvimos distintamente as vozes opositoras de uma cultura de resistência; porém, também ouvimos o processo incerto e ameaçador da transformação cultural.”

Na verdade, a chegada do europeu, ao contrário do que a História tentou passar em outra época, não salvou os aborígenes, e sim aniquilou esses povos. Começando pela língua, pelos costumes, pelas crenças e tradições em geral. Nesse sentido, a leitura da Carta de Caminha é importante e necessária para que haja uma autorreflexão da condição brasileira diante da imposição imperialista dos europeus durante o descobrimento.

O índio foi entendido como um nativo excêntrico e, sem voz, podia reclamar à vontade, pois sua língua não era entendida e, mesmo se houvesse entendimento, as terras já tinham um novo dono. E a carta mostra isso, quando em suas primeiras páginas enfatiza: “Posto que o Capitão-mor dessa Vossa frota e assim igualmente os outros capitães escrevam a Vossa Alteza dando notícias do achamento desta Vossa terra nova, que agora nesta navegação se achou, [...]” (CASTRO, 2008, p. 88). Dessa forma, é esse propósito de entender melhor as nossas origens e de como se deu o processo de colonização que justifica a leitura dessas narrativas de extração histórica. Assim, no próximo tópico será feita uma análise da Carta de Caminha, buscando traços que a colocam no campo da História e da literatura.

### **3. Carta de Caminha: ficção ou documento?**

Na época em que foi escrita, a Carta de Caminha tinha, sim, o propósito de ser um documento, mas com o passar do tempo parece que o texto tem ganhado outro enfoque. Nesse caso, “uma obra pode ser considerada como filosofia num século, e como literatura no século seguinte, ou vice-versa, também pode variar o conceito do público sobre o tipo de escrita considerado como digno de valor”. (EAGLETON, 2006, p. 17). Por isso, não é estranho considerar essa narrativa, nos dias de hoje, como literatura. Da mesma forma, é bom remetermos também à fala de White (1994, p. 98), que nos diz o seguinte sobre narrativas históricas:

De um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que os seus correspondentes nas ciências.

Partindo dessa afirmação, podemos dizer que existem na carta elementos que a configuram tanto como documento histórico quanto obra literária. Sabemos que é fato o descobrimento do Brasil, mas a maneira como isso foi relatado é que leva a uma desconfiança da existência, nessa obra, de elementos próprios da Literatura. E isso nos leva a, mais uma vez, concordar com White (1994, p. xx), que faz uma importante referência a esse tipo de sequências históricas: “O importante é que a maioria das sequências históricas pode ser contada de inúmeras maneiras diferentes, de modo a fornecer interpretações diferentes daqueles eventos e a dotá-los de sentidos diferentes”. Por isso, a desconfiança sobre a completa imparcialidade de Caminha ao escrever esse relato de viagem.

Segundo o Dicionário Aurélio, carta é “comunicação manuscrita ou impressa, endereçada a uma ou várias pessoas; missiva, epístola” (AURÉLIO, 2000, p. 123). Em nenhum momento o dicionário foca qualquer compromisso da carta com as verdades dos fatos.

Ela é um instrumento que é usado até mesmo nos dias de hoje, sendo uma importante forma de comunicação e, como tal, está sujeita a certas liberdades na sua composição. Claro que, quem partiu de Belém no dia 9 de março de 1500, a serviço de Vossa Alteza, Rei D. Manuel, tinha certa responsabilidade de escrevê-la de forma clara e o mais realista possível. Nesse sentido, é necessário abrir mais um parêntese para ressaltar a visão de Foucault sobre esse tipo de narrativa, ressaltada por Miranda (1992, p. 28):

No caso da *correspondência*, o que Foucault vai ressaltar é o fato de que a missiva, por definição destinada a outrem, dá lugar ela também ao exercício pessoal do missivista, pois a carta, pelo gesto mesmo da escrita, age sobre aquele que a envia, como age, pela leitura e pela releitura, sobre aquele que a recebe.

E é nesse sentido que se defende a ideia de que a carta deveria também agradar ao rei com uma narrativa clara, objetiva e que também deixasse transparecer que os recursos empreendidos naquela aventura eram bastante necessários e que provavelmente não seria um empreendimento inútil investir no novo continente. Dessa forma, o texto iria influenciar de maneira significativa o destinatário. Mas o que leva a essa interpretação é a forma como Caminha interpreta a atitude do índio para com o capitão.

Todavia, um deles fixou o olhar no colar do Capitão e começou a acenar para a terra e logo em seguida para o colar, como querendo dizer que ali havia ouro. Fixou igualmente um castiçal de prata e da mesma maneira acenava para a terra e logo em seguida para o colar, como querendo dizer que lá também houvesse prata. (CASTRO, 1985, p. 92)

Assim, o autor adotou um tom persuasivo e às vezes metafórico e pouco negativista, enfocando muito mais as belezas, as riquezas e a produtividade do lugar do que as adversidades da região. Logo de início, percebe-se que Caminha apresentou um índio muito mais amigoso do que realmente era. Quanto à questão da comunicação entre europeu e índios, o que se percebe no discurso de Caminha é certa contradição, pois o capitão mantém um diálogo com um velho índio.

O Capitão deu ao velho, com quem falara, uma carapuça vermelha. E com toda a conversa que com ele teve e com a carapuça recebida de presente, nada mais quis e logo se despediu, passando o rio para não mais aqui retornar. (CASTRO, 1985, p. 104)

O que fica evidente nesse trecho é que o capitão conversou com um velho, e isso é transparecido de forma simples, quase como se fossem bons amigos, mas sabemos que isso era um pouco difícil de acontecer, ainda mais em se tratando de povos *selvagens*, que não tinham costume com a dita “civilização”. Já em outro momento da carta, Caminha faz uma declaração que, além de emitir juízo de valor, entra em contradição com a citação acima: “Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não tem nem entendem crença alguma, segundo as aparências” (COSTA, 1985, p. 111).

Nesse fragmento fica claro o posicionamento do autor da carta, emitindo juízo de valor e nos mostrando que a sua narrativa enfoca muito mais que meros dados sobre a viagem. Caminha mostra-se também como protagonista daquele evento histórico, e isso nos leva à seguinte citação:

Escrever é mostrar-se, fazer-se ver e fazer aparecer a própria face diante do outro: a carta é, ao mesmo tempo, um olhar que se lança ao destinatário e uma maneira de se dar ao seu olhar. A reciprocidade estabelecia pela correspondência implica uma “introspecção”, entendida como uma abertura que o emissor oferece ao outro para que ele o enxergue na intimidade. (MIRANDA, 1992, p. 28)

Dessa maneira, quando Caminha deixa transparecer em seu texto “esse olhar”, “essa abertura” comentada por Miranda (1992), com a narrativa das particularidades desses povos, acaba nos permitindo fazer certas interpretações, pois é nesse momento também que o narrador demonstra fazer parte de uma nação *muito melhor* do que a que ele havia encontrado. Por isso, seria perfeitamente justificável a imposição dos costumes europeus aos aborígenes recém-encontrados. E assim,

Caminha passará da ideia de assimilacionismo, que implica igualdade de princípios, à de uma ideologia escravagista por considerar a posição de inferioridade dos índios. A propagação de fé e a escravização aparecem intimamente ligadas. A alteridade humana é simultaneamente revelada e recusada, provando que é pelo desconhecimento que se tem dos índios que se tem a recusa em admiti-los como sujeitos com os mesmos direitos, mas diferentes. (CARVALHO, 2007, p. 10)

Querer impor o cristianismo aos povos pagãos de certa forma seria o início da dominação imperialista almejada pelos colonizadores de além-mar. Os índios eram para os europeus apenas figuras excêntricas, na verdade, um grupo da margem que iria ser submetido a um processo de aculturação. No texto de Caminha, ficção e realidade se confundem. Por isso, concluímos este artigo com a seguinte convicção: a de que o texto da Carta pode ser visto tanto pelo ângulo literário quanto histórico, pois é um documento importante para ambas as áreas.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BHABHA, K. Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BURKE, P. (Org.) Abertura: a Nova história, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_ *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARVALHO, Maria Luíza Ferreira Laboissière de. *A carta de Pero Vaz de Caminha: relato de conquista e de barbárie*. Goiânia. 2007.

CASTRO, Silvio. *A Carta de Pero Vaz de Caminha: O Descobrimento do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KOTHE, Flávio Rene. *O Cânone Colonial: ensaio*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MOISÉS, Massaud, *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix, 2005.

WHITE, Hayden. O Fardo da História. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

